

A PESQUISA VARIACIONISTA: PRINCÍPIOS DE INVESTIGAÇÃO

META

Apresentar os princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista envolvidos na análise da regra variável.

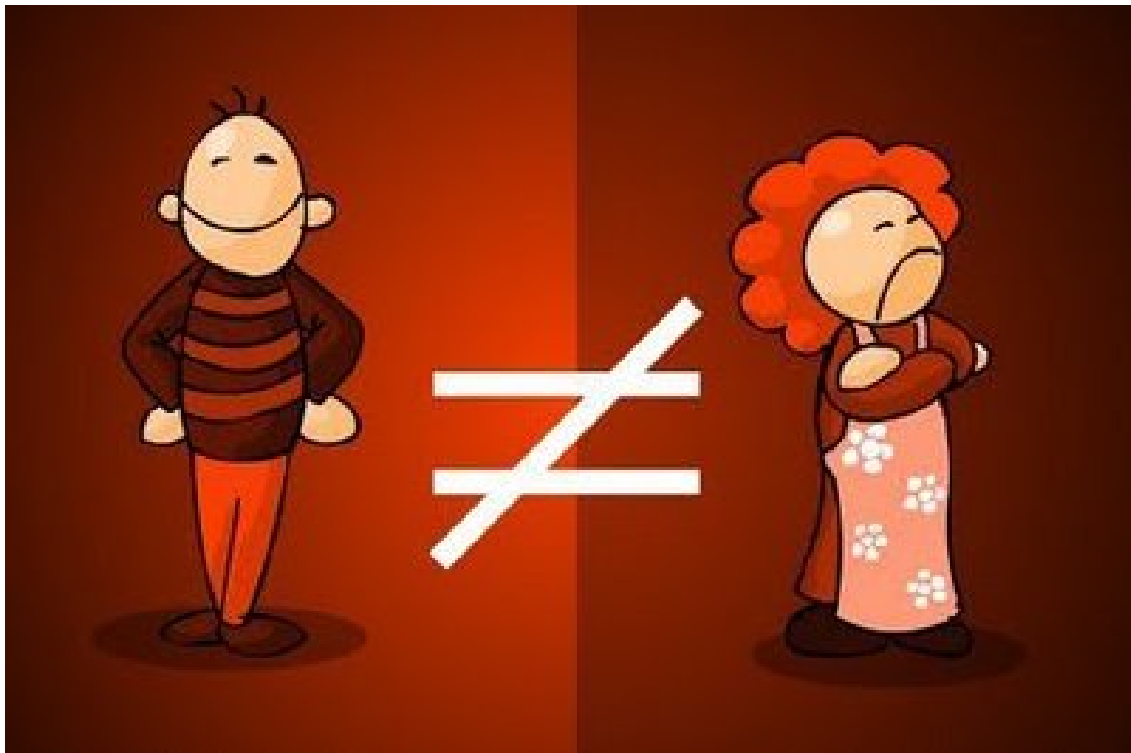
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

analisar uma regra variável, com a postulação de variáveis linguísticas e sociais que podem influenciar fenômenos de variação, definindo o “envelope da variação”.

PRÉ-REQUISITOS

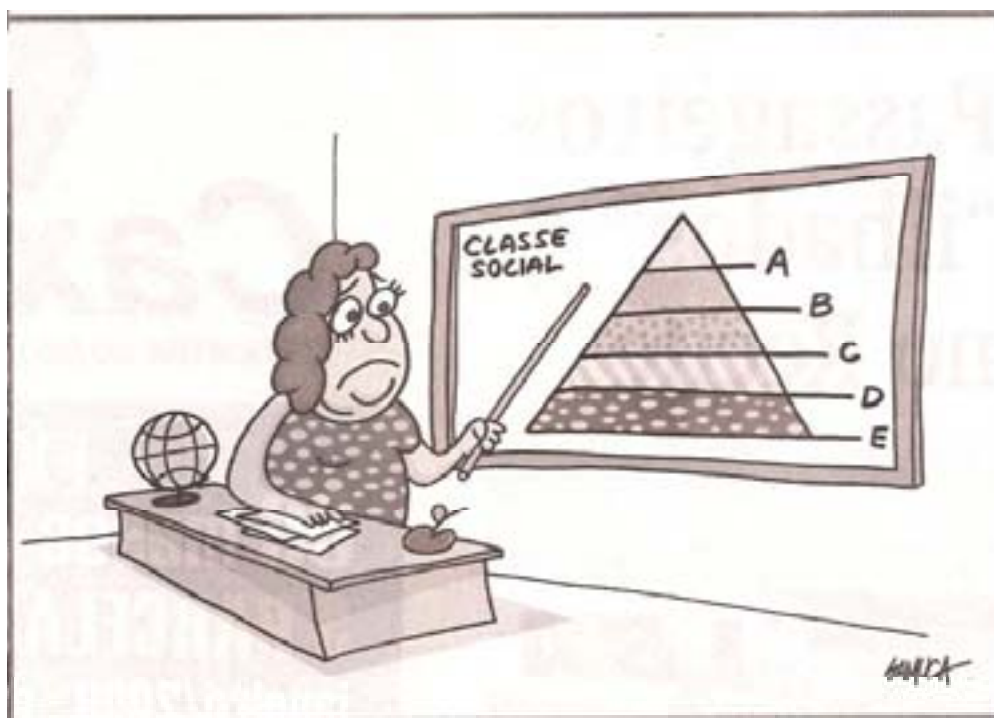
Ter realizado as atividades da aula anterior.



A relação entre sexo e gênero produz diferenças na fala, facilmente perceptíveis. Sendo o gênero uma construção social, a língua também se molda às dicotomias.
(Fontes: <http://1.bp.blogspot.com>)

INTRODUÇÃO

Agora que já vimos os pressupostos teóricos que norteiam a Sociolinguística Variacionista, e que vimos, a título de ilustração, alguns fenômenos empíricos de variação linguística no português falado no Brasil, vamos, nesta aula, conhecer os procedimentos para que a variação linguística seja analisada à luz dos princípios científicos. Nosso juízo de falante é apenas uma evidência intuitiva, que pode ser contestada se não houver um protocolo para o seu aferimento. Assim, nesta aula, conheceremos o protocolo da pesquisa Sociolinguística Variacionista, ou seja, aprenderemos a montar o que Tarallo (1985) chama de “envelope da variação”: o conjunto de variáveis dependentes e independentes que influenciam um dado fenômeno linguístico variável. Ao final desta aula, você deve estar instrumentado para iniciar a sua investigação sociolinguística!



A diferença de classes sociais é uma das variáveis que mais influenciam no fator sociolinguístico europeu e americano.

(Fontes: <http://politicaagora.files.wordpress.com>)

O RECORTE DE REGRAS VARIÁVEIS

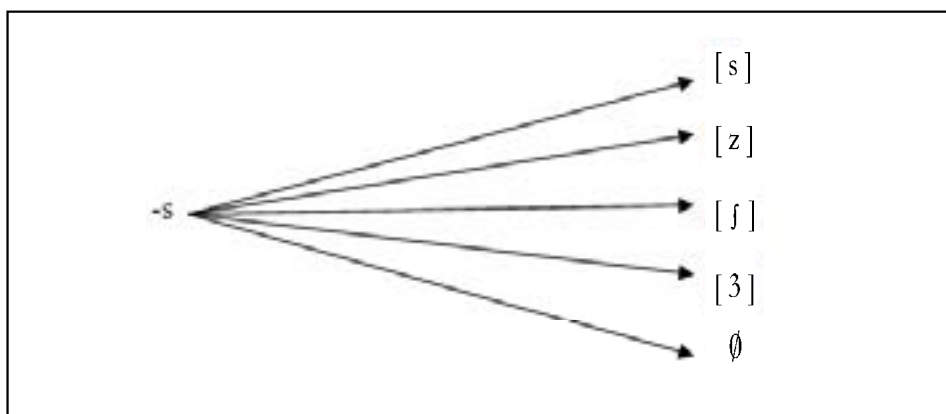
A língua, como sistema heterogêneo que é, a fim de cumprir com suas funções, é formada por um conjunto de regras (note que estamos nos referindo às regras que constituem a gramática do falante, não são regras da gramática normativa), que podem ser divididas em duas classes: as regras categóricas e as regras variáveis. Regras categóricas são aquelas que não admitem exceções, são obrigatórias. Por exemplo, uma regra categórica do português refere-se à ordem de constituintes do sintagma nominal: o determinante sempre antecede o nome. Assim, em português, sempre teremos O menino e nunca *Menino o (usamos o asterisco [*] para indicar que uma construção é agramatical, ou seja, não é licenciada pelas regras da gramática da língua). Esta é uma regra categórica da língua. Há muitas outras. Vejamos mais uma: em português, a regra da concordância de gênero em sintagma nominal obriga que todos os elementos recebam o morfema de gênero (-a ou Ø): AqueleØ meninoØ e Aquela menina. Salvo um falante estrangeiro, que ainda está aprendendo português, você não encontrará ninguém que fale *Aquele menina. Nem mesmo crianças em fase de aquisição infringem essa regra. Em suma, as regras categóricas são sinônimo de obrigatórias. Junto às regras categóricas há as regras variáveis, que são o objeto de estudo da Sociolinguística Variacionista. Vamos começar a desvendar as regras variáveis!

Quando formamos orações, ordenamos sujeito e verbo. A ordem canônica do português é a ordem sujeito-verbo, como em O menino correu. Mas, em alguns contextos, mais especificamente em construções monoargumentais, podemos inverter a ordem, realizando construções verbo-sujeito: Correu o menino. Você já deve ter ouvido construções deste tipo, elas são bastante recorrentes. Podemos dizer que se trata de uma regra variável. Ordenação de constituintes em orações monoargumentais: sujeito-verbo e verbo-sujeito.

Diferentemente da regra categórica, a regra variável apresenta mais de uma possibilidade de realização. Mas será que as possibilidades de realização ocorrem aleatoriamente? A sociolinguística variacionista defende que não, a ocorrência de uma ou de outra forma é, determinada (condicionada, motivada) por fatores contextuais, internos (inerentes à estrutura linguística) ou externos (inerentes à comunidade linguística). Vejamos outra regra variável do português, a regra de concordância de número em sintagmas nominais. A regra canônica, aquela que está assentada na gramática normativa, diz que todos os elementos do sintagma nominal devem receber a marca de plural, no caso o morfema -s. Assim, temos Os meninos bonitos. Mas nem sempre é assim que ouvimos esta construção, não é mesmo? As formas Os meninos bonitoØ e Os meninoØ bonitoØ são recorrentes e certamente você já as ouviu e/ou já as realizou. Estamos, pois, diante de uma regra

variável. A realização fônica do morfema de plural também não é unívoca. Podemos ter, para o morfema –s, a realização desvozeada [s], a realização desvozeada [ʃ], a realização vozeada [z], a realização palatal desvozeada [ʃ], a realização palatal vozeada [ʒ] e, ainda, a não realização.

Quadro 4: Realizações fonéticas do morfema –s no português brasileiro



As diferentes formas de realização do morfema –s fazem parte de mais uma regra variável do português e, assim como na regra variável da concordância de número, a escolha de uma ou de outra forma (são cinco!) não é aleatória, depende das motivações internas e externas. O primeiro passo para o estudo da variação linguística é o recorte de uma dada regra variável do sistema: vimos, nesta seção, algumas regras variáveis. Agora, vamos ver algumas motivações sociais para a variação.

MOTIVAÇÕES SOCIAIS

Vejam, a seguir, as possibilidades de controle de algumas variáveis sociolinguísticas – a classe social, a idade, a escolarização e o sexo – bem como as hipóteses norteadoras de suas motivações.

CLASSE SOCIAL

A função essencial das variáveis sociais é marcar a relação de pertencimento a um grupo. A classe social é o fator sociolinguístico mais forte e recorrente nos estudos europeus e americanos. A divisão em classes sociais costuma equiparar classes e profissões, e, conseqüentemente, correlacionar níveis de poder aquisitivo com níveis de estudo. Chambers (2003, p. 43) propõe o seguinte quadro:

Quadro 5: Estratificação social

Classe média	Alta	Proprietários, diretores, pessoas que herdaram riqueza
	Média	Profissionais, gerentes executivos
	Baixa	Semiprofissionais, gerentes de níveis mais baixos
Classe trabalhadora	Alta	Comerciários, trabalhadores manuais qualificados
	Média	Trabalhadores manuais semiquualificados
	Baixa	Trabalhadores não qualificados e temporários

Fonte: CHAMBERS, 2003, p. 43

No contexto social brasileiro, a classificação de Chambers (2003) não se aplica, pois há incongruências na correlação entre o poder aquisitivo e o estudo. Há casos de profissionais (com curso superior) que têm poder aquisitivo inferior ao de trabalhadores manuais semiquualificados e não classificados (a classe do magistério, por exemplo), e trabalhadores autônomos que não possuem grau de instrução (como ambulantes e empresários). Os institutos de pesquisa no Brasil atualmente adotam o Critério Brasil (Critério de Classificação Econômica Brasil), que estima o poder de compra dos indivíduos e famílias urbanas, classificando-os por classes econômicas (classes de consumo) ao invés do pouco esclarecedor critério de classes sociais (Anexo A). O Critério Brasil tem um sistema de pontos no qual a posse de bens e o nível de escolaridade do chefe da família são ranqueados e o total de pontos enquadra o indivíduo em uma classe de consumo. Porém, o critério continua mantendo incongruências. Se um analfabeto possuir carro, aspirador de pó e empregada mensalista, vai ter a mesma classe social de um indivíduo com ensino superior completo, mas que não tem posse destes bens.

Os bancos de dados sociolinguísticos ainda não consideram a classe de consumo dos seus informantes.

IDADE

Intuitivamente, percebemos a influência da idade nos processos de variação e mudança linguística: uso de uma expressão “fora de moda”, gírias desatualizadas, enfim, percebemos que o tempo passou e ainda guardamos traços daquela época em nosso repertório linguístico.

Como aponta Naro (2003, p. 43-50), a hipótese clássica para a relação entre idade e a mudança linguística parte do pressuposto de que o processo de aquisição da língua se encerra pelo início da puberdade, e, a partir de então, a língua do indivíduo fica essencialmente estável. Isso significa que o atual estado da língua de um falante adulto reflete o estado da língua adquirida quando o falante tinha aproximadamente 15 anos de idade. Assim, um indivíduo com 60 anos hoje representa a língua de 45 anos atrás, uma gravação de entrevista sociolinguística feita em 1990 com um informante de 70 anos representa o estado da língua adquirida em 1935.

Esse tipo de mudança – como é visto a seguir – é a que Labov (1994) denomina de mudança geracional, em que o comportamento do indivíduo é estável contrastando com a instabilidade da comunidade com o passar do tempo. Em termos empíricos, o padrão de distribuição das ocorrências em função das faixas etárias é linear, ou quase linear, tanto descendente, apontando para a implementação da variante, quanto paralela, indicando variação estável.

Ainda conforme Naro (2003), outra hipótese prevê que o sistema linguístico do indivíduo muda ao longo do tempo, por conta da atuação de forças externas, principalmente os efeitos do mercado de trabalho. Em termos empíricos, a distribuição dos dados apresenta padrão curvilíneo, ou seja, os grupos extremos (jovens e velhos) apresentam um comportamento semelhante, contrastando com o grupo de meia-idade. A explicação para este comportamento é que há um aumento do uso da variante padrão no momento do ciclo da vida em que diminuem as pressões sociais do círculo imediato de amigos do adolescente e aumentam as pressões do mercado profissional. Depois da aposentadoria, as pressões do mercado deixam de agir e o indivíduo pode relaxar linguisticamente.

Para operacionalizar essas hipóteses acerca da relação entre língua e faixa etária, Labov (1994) propõe uma metodologia que se resume à observação de dois estados de língua e a garantia de que haja continuidade entre eles. Significa que, em um dado momento, coletem-se dados do fenômeno de uma amostra x. E, passado um período y, repete-se a coleta de dados, na mesma amostra x. A observação de um estado de uma língua é feita através de estudo quantitativo de uma amostra randômica e representativa de todos os segmentos de uma comunidade de fala. Estudos desse tipo, chamados estudos em tempo real, se subdividem em estudo de tendência e estudo de painel. O estudo de tendência (trend study) é mais simples: requer uma amostra randômica da mesma comunidade de fala em um período y, posterior ao da primeira coleta. Já o estudo de painel (panel study) é mais complexo, pois requer o recontato com os mesmos indivíduos informantes da primeira coleta, com a aplicação do mesmo instrumento. É possível estabelecer algumas correlações entre estudos de tempo real e de tempo aparente no que se refere à estabilidade/instabilidade da mudança e a relação entre comunidade e indivíduo, como pode ser observado no quadro 6.

Veremos na aula 6 as questões relacionadas à coleta de dados

Quadro 6: correlações entre tempo real e tempo aparente

	Indivíduo	Comunidade
(1) Estabilidade	Estável	Estável
(2) Gradação etária	Instável	Estável
(3) Mudança geracional	Estável	Instável
(4) Mudança comunitária	Instável	Instável

Fonte: LABOV, 1994, p. 83

Se o comportamento linguístico dos indivíduos é estável durante toda a sua vida e o comportamento linguístico da comunidade também, não há variação a analisar, refletindo o padrão (1). Já se os indivíduos mudam seu comportamento linguístico durante o decorrer da sua vida e a comunidade não mostra a mesma mudança, o padrão é caracterizado como gradação etária, em (2). Os padrões (3) e (4) não são transparentes, requerem um controle mais refinado para serem identificados. O padrão (3) reflete mudança geracional, no qual alguns membros da comunidade – normalmente os mais jovens – desencadeiam a mudança. E o padrão (4) reflete mudança comunitária, no qual toda a comunidade desencadeia a mudança.

Outra estratégia para identificar, descrever e analisar um dado fenômeno de variação ou de mudança linguística em um período de tempo reduzido proposta por Labov (1994) é a de mudança em tempo aparente. Essa saída metodológica pressupõe que a idade cronológica dos indivíduos represente uma “passagem no tempo” e se apoia na hipótese clássica de que a língua de um indivíduo se constitui até cerca de seus quinze anos de idade.

A análise em tempo aparente considera a distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo em função das faixas etárias para caracterizar uma situação de estabilidade, mudança incipiente, mudança em progresso ou mudança completa. Eckert (1997) vê problemas nos estudos que consideram somente o tempo aparente. A estratificação etária pode refletir mudança em uma comunidade de fala em relação ao tempo (mudança histórica) e também a mudança na fala de um indivíduo em relação ao tempo de sua vida (gradação etária). Segundo a autora, o problema da análise da mudança em tempo aparente é que considerar o tempo refletido na idade cronológica dos indivíduos pode levar a equívocos entre mudança em tempo aparente de fato e gradação etária. Isso porque, de acordo com Eckert (1997), o comportamento linguístico de todos os indivíduos muda no decorrer de sua vida. E as mudanças linguísticas individuais não são exclusivamente decorrentes de mudanças linguísticas históricas. São mudanças decorrentes da história do indivíduo. Nascemos, crescemos, nos tornamos adultos,

envelhecemos. A cada etapa do ciclo vital, mudanças de ordem biológica e social ocorrem e refletem-se também na língua do indivíduo, o que Eckert denomina de curso da vida linguística. A aquisição da língua, a entrada na escola, a aplicação da rede de relações sociais, a entrada e a saída do mercado de trabalho são fatores que se refletem diretamente nas faixas etárias. Para Eckert, a faixa etária é apenas um rótulo que agrupa vários fatores de ordem social e biológica do indivíduo. É preciso então definir quantas e quais as faixas etárias que podem ser controladas e que fornecem pistas significativas para a compreensão real do fenômeno de variação e de mudança linguística. Labov (1994) propõe duas faixas extremas: a dos mais velhos e a dos mais jovens. Chambers (2003) propõe três: crianças, adolescentes e adultos. Eckert (1997), por sua vez, propõe que as faixas etárias representam o curso da vida linguística: infância, adolescência, vida adulta e velhice.

Em Idade: uma variável sociolinguística complexa (FREITAG, 2005), você encontrará uma explicação mais detalhada acerca da atuação da faixa etária na mudança linguística.

ESCOLARIZAÇÃO

O controle da variável escolarização é bastante recorrente na Sociolinguística brasileira. Na ausência de critérios seguros para estratificar informantes em classes sociais, a alternativa encontrada foi a estratificação por níveis de escolarização. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 48), “os anos de escolarização de um indivíduo e a qualidade das escolas que frequentou também têm influência em seu repertório sociolinguístico. Observe que esses fatores estão intimamente ligados ao estatuto socioeconômico, na sociedade brasileira.” Sobre os efeitos da escolaridade nas investigações do PEUL, no Rio de Janeiro, Scherre e Paiva (1999, p. 217-218) resumem:

“Dadas as características da sociedade brasileira, na qual um imenso contingente da população é excluído do direito à escolarização formal, a variável escolaridade suplanta as demais, moldando, em grande parte, a heterogeneidade linguística que se pode constatar no uso do português carioca. A escolarização continuada, refinando a consciência linguística e insistindo na necessidade de padronização, favorece o emprego de determinadas variantes linguísticas, em especial das que estão sujeitas a uma avaliação social positiva. [...] Em síntese, a ocorrência das variantes linguísticas prestigiadas socialmente está correlacionada de forma saliente à variável escolaridade. É preciso salientar no entanto que, de um ponto de vista estatístico, a variável escolaridade atua igualmente sobre fenômenos menos marcados socialmente, como a monotongação de [ey], uso de artigo diante de possessivo ou uso de seu/dele, que não são alvos explícitos de um ensino regular. Este fato leva a crer que a escola, além de fazer uma pressão direta sobre o uso linguístico, atua

também de forma indireta, ao iniciar e inserir o falante em uma modalidade mais rígida e mais homogênea como a escrita. É possível também que a influência da variável escolaridade reflita, na verdade, a ação da variável classe social. Se assim for, as consequências são ainda mais perversas: não se modificam variantes linguísticas, mas, sim, se excluem os indivíduos que não possuem determinadas variantes linguísticas.”

Votre (2003, p. 51-54) enumera quatro aspectos da escolarização que podem ser verificados na dinâmica social em que a escola interage e que podem estar associados à variação e mudança linguística: i) formas de prestígio e formas relativamente neutras; ii) fenômeno socialmente estigmatizado e fenômeno imune à estigmatização; iii) fenômenos objeto do ensino escolar e fenômenos que escapam à atenção normativa; iv) fenômeno discursivo (ou no mais alto nível gramatical) ou fenômeno da gramática (níveis gramaticais intermediários entre o fonológico e o discursivo).

Em Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos (FREITAG, 2009), você encontrará detalhes pormenorizados sobre a delimitação dos níveis gramaticais para além da fonologia.

Controlar a escolaridade dos indivíduos pode nos dar pistas do prestígio ou do estigma do fenômeno, na medida em que permitem refletir sobre os aspectos que estão envolvidos na escolarização e como estes aspectos interagem com o ensino e a valoração social das formas do fenômeno variável sob análise.

SEXO/GÊNERO

Facilmente percebemos diferenças entre homens e mulheres em relação à fala. Do ponto de vista acústico, homens têm a voz mais grossa do que as mulheres, dadas as características anatômicas de cada um. Mas as diferenças entre homens e mulheres vão além da biologia. Assumimos a perspectiva de Eckert e McConnel-Ginet (2003), para quem sexo tem uma dimensão biológica, enquanto gênero tem uma dimensão social. O gênero não é algo com que nascemos, nem é algo que temos, mas algo que fazemos ou como atuamos. Por exemplo, não existe uma razão biológica para a mulher caminhar com certo rebolado e os homens de peito estufado, ou para que as mulheres pintem as unhas de vermelho e os homens não. Os indivíduos aprendem a ter gênero. E a dicotomia masculino/feminino começa antes mesmo de nascer: é menino ou menina? Dessa importante questão decorre a escolha da cor do enxoval do bebê e seu nome, seus brinquedos.

Sendo o gênero uma construção social, a língua também se molda às dicotomias. Desde cedo, os pais falam de modo diferente aos filhos: às meninas, com doçura e diminutivos: bonitinha, fofinha, delicada; aos meninos, com ênfase e exaltação: forte, esperto, rápido. Na vida adulta, os estudos sociolinguísticos apontam que homens e mulheres têm diferenças (mais ou menos sutis) em seu falar. Em função de seu papel social de exemplo na educação dos filhos, as mulheres tendem a preferir o uso de variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente, bem como são mais sensíveis ao prestígio social das formas linguísticas. Já quando as variantes são desprestigiadas, as mulheres assumem uma atitude conservadora; homens tendem a liderar a mudança, nesse caso.



Fonte: CUNHA; FREITAG, 2008, p. 168.



Fonte: CUNHA; FREITAG, 2008, p. 167.

É claro que as explicações para as diferenças linguísticas entre homens e mulheres devem ser relativizadas, pois os padrões refletem, mais do que diferenças biológicas, diferenças no processo de socialização, na dinâmica de mobilidade social (redes sociais) e nos papéis que cada comunidade atribui a homens e mulheres.

Leia o capítulo do livro “Homem que não trabalha é preguiçoso, mulher que não trabalha é vagabunda” – linguagem e gênero na comunidade itabaianense (CUNHA; FREITAG, 2008)

MOTIVAÇÕES LINGUÍSTICAS

Conceber a língua como um sistema dotado de heterogeneidade sistemática, um sistema em uso, sujeito à mudança, implica em reconhecer que o próprio sistema pode se desestabilizar e se estabilizar. A estrutura da língua pode favorecer ou desfavorecer uma dada variante de um fenômeno. Os fatores linguísticos que podem influenciar um fenômeno de variação são elencados a partir da análise intuitiva do fenômeno e da pesquisa bibliográfica; cada caso é um caso, não há receita genérica.

Vamos voltar ao caso da marca de concordância de número em sintagmas nominais no português. Os estudos de Naro e Scherre (2007) mostram

resultados em que fica evidente a atuação dos fatores linguísticos na variação entre presença e ausência de marca formal de concordância. Se observarmos dados cotidianos acerca deste fenômeno, ou mesmo aqueles do início desta aula, veremos que a queda da marca se dá com mais frequência em nomes do que em determinantes: vemos Os meninoØ, Os meninoØ bonitoØ, mas não OØ meninos, OØ meninos. Podemos então pensar que controlar a categoria gramatical do elemento que recebe a marca pode ser importante para a análise da variação na concordância de número; temos então uma motivação linguística para a variação. Poderíamos então pensar que há casos em que os sintagmas não são iniciados por determinantes como Meninos alegres. Nesse caso, podemos ter Meninosos alegreØ, mas não *MeninoØ alegres. Neste caso, a posição ocupada no sintagma pela palavra que leva a marca é relevante e pode influenciar se a marca de concordância explícita ocorre ou não.

Outro fator que atua significativamente na concordância de número é a saliência fônica. É mais recorrente encontrarmos realizações como Os meninoØ do que como Os ovoØ. Observe em seu cotidiano: deixar escapar um s em meninos é mais sutil (ou menos saliente) do que deixar escapar um s em ovos, porque em ovos temos uma dupla marcação do plural, com a marca explícita e a alternância vocálica. Dizemos que contextos como os de meninos são menos salientes do que contextos como ovos. O princípio da saliência fônica prevê que quanto mais perceptíveis são as diferenças sonoras, maior a tendência de se perceber essa variação e, portanto, de se policiar, caso a variante seja estigmatizada. Assim, outro fator a ser controlado na variação da concordância é a saliência fônica.

Para outros fenômenos, outro conjunto de fatores linguísticos deve ser elencado. Daí a importância da análise preliminar para o levantamento de hipóteses e a pesquisa bibliográfica

Os fatores linguísticos que atuam em fenômenos de variação e mudança linguística, junto com os fatores sociais, compõem o “envelope da variação”, o conjunto das motivações de uma regra variável, o qual veremos a seguir.

O ENVELOPE DA VARIAÇÃO

Na regra categórica, chova ou faça sol, sempre haverá uma e apenas uma realização, como vimos no caso da ordem e da concordância de gênero no sintagma nominal, na seção 1 desta aula. Nas regras variáveis, assumimos que a escolha das realizações não se dá de forma aleatória; deve haver fatores que condicionam, motivam a escolha de uma ou de outra forma. Mas que fatores seriam esses? A partir da observação intuitiva ou da revisão da literatura pertinente, podemos propor hipóteses sobre potenciais fatores que motivam a ocorrência de uma forma ou de outra. Assim, construímos um modelo da variação, o “envelope da variação”, no dizer de Tarallo (1985).

No caso da expressão da marca concordância de número nos sintagmas nominais, como vimos nas seções anteriores, podemos elencar os fatores sociais sexo, idade e escolaridade e os fatores linguísticos categoria gramatical, ordem no sintagma e saliência fônica. Este seria o “envelope da variação” para o fenômeno da variação na expressão da marca de concordância de número nos sintagmas nominais do português falado no Brasil. Para outros fenômenos, outros fatores devem ser elencados.

Seguindo estes princípios metodológicos, você já pode começar a realizar suas investigações acerca do fenômeno de variação nas diferentes variedades linguísticas, nas diferentes comunidades de fala.

CONCLUSÃO

Nesta aula, aprendemos a diferenciar as regras categóricas das regras variáveis e vimos como constituir o “envelope da variação”: o conjunto de fatores sociais e linguísticos que influem na realização de regras variáveis. Agora que já temos noção dos princípios de investigação da Sociolinguística Variacionista, passaremos, na próxima aula, para a parte de constituição de amostra de análise e coleta de dados.

RESUMO

Observamos, nesta aula, os procedimentos para que a variação linguística seja analisada à luz dos princípios científicos. Também conhecemos o protocolo da pesquisa Sociolinguística Variacionista, para que aprendêssemos a montar o que Tarallo (1985) chama de “envelope da variação”. Vimos que um dado fenômeno linguístico variável é influenciado por variáveis dependentes (grupo de itens que estabelecemos como regra variável) e independentes (grupos de fatores condicionadores – linguísticos e extralinguísticos –, pelos quais se buscam explicações para as escolhas dos falantes). Vimos que a língua, enquanto sistema heterogêneo, é formada por regras, estas divididas em duas classes: regras categóricas (são obrigatórias) e regras variáveis (apresentam mais de uma possibilidade de realização). Em uma investigação sociolinguística perceberemos que o fenômeno a ser analisado pode ser condicionado por fatores linguísticos e sociais (variáveis independentes), pois a língua é dotada de heterogeneidade sistemática: um sistema em uso, sujeito à mudança, está sujeito a se desestabilizar e se estabilizar, ou a períodos de mais ou menos estabilidade. Vale ressaltar que os fatores linguísticos que podem influenciar um fenômeno de variação são elencados a partir da análise intuitiva do fenômeno e da pesquisa bibliográfica, assim cada caso é um caso, não há receita genérica.



ATIVIDADES



1. Chico Bento é um personagem de Maurício de Souza que traz à tona o falante brasileiro do universo rural. Veja as tirinhas abaixo.

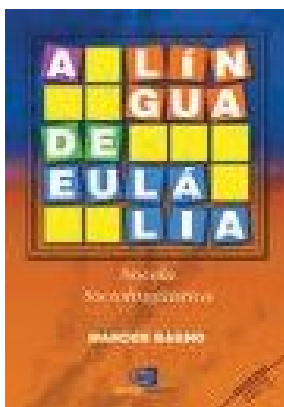


Faça um levantamento das variantes que ocorrem nos quadrinhos acima, distribuindo-as em grupos conforme os diferentes níveis linguísticos (fonológico, morfossintático, sintático). E, tendo em vista a modalidade oral da língua, faça hipóteses sociais relacionadas ao uso das variantes.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na primeira tirinha, temos o diálogo entre dois personagens: Chico Bento e Rosinha. Precisamos ter em mente que, apesar de ser um registro escrito, as tirinhas tentam representar como os personagens falam. Analisando a fala de Rosinha, encontramos, no registro escrito, algumas marcas fonológicas da oralidade, como o alçamento da vogal média alta anterior à vogal alta em posição não tônica, por exemplo, “i”, “isperando”. Este fenômeno é categórico no português brasileiro, com exceção de algumas variedades do interior da região sul. Rosinha também faz uso de “ocê” (~ “você” ~ “cê”) como forma pronominal

de referência à 2ª pessoa, e também opera uma redução fonética na forma de negação “num” (~ “não”). As ocorrências destacadas na fala de Rosinha estão presentes em quase todas as variedades do português falado no Brasil, não chegam a ser marcas linguísticas característica do falar interiorano. Já Chico Bento faz uso de um traço fonológico variável do português brasileiro, que é altamente estigmatizado: o rotacismo (“craro” ~ “claro”). Na fala de Chico, nesta mesma tirinha, também podemos constatar a não ocorrência da marca explícita de concordância de número (“dezoito hora”; “doze hora”), um traço variável no sistema linguístico do português brasileiro. Na segunda tirinha, ao falar com a professora, Chico Bento também faz uso do alçamento da vogal média alta anterior em posição não tônica, como Rosinha o fez na primeira tirinha. Chico faz uso do rotacismo em “arguma”. Já a professora, no mesmo contexto em que Chico, na primeira tirinha, fez uso da lateral (“claro”). Vamos agora analisar os fenômenos variáveis encontrados e seu valor social. A professora representa a escola, logo, sua fala tende a se adequar àquilo que denominamos norma culta, na primeira aula. A menina Rosinha reflete a tendência das mulheres, de liderarem a mudança, quando esta não é estigmatizada, como foi o caso do alçamento vocálico. Já Chico, menino da roça, ainda sem escolarização (ou em processo incipiente), faz uso dos traços linguísticos estigmatizados, como o rotacismo e a não realização da marca de concordância de número.



A língua de Eulália: uma novela sociolinguística. Neste romance, Marcos Bagno explica, em linguagem clara, que falar diferente não é falar errado e o que pode parecer erro no português não padrão tem uma explicação lógica, científica (linguística, histórica, sociológica, psicológica). Não é um livro acadêmico, teórico: é uma história, uma novela, como o próprio autor define.

PRÓXIMA AULA

O próximo passo na nossa investigação é obter os dados de análise; por isso, na próxima aula, veremos a Coleta de dados: o método da entrevista sociolinguística.





AUTOAVALIAÇÃO

Após estudar esta aula, sou capaz de discernir regras variáveis de regras categóricas, e identificar as motivações sociais e linguísticas que podem influenciar uma regra variável. Estes conhecimentos são essenciais para o prosseguimento no estudo desta disciplina. Não deixe as dúvidas para depois!

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistics**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2003.
- CUNHA, Andréa Machado da; FREITAG, Raquel Meister Ko. Homem que não trabalha é preguiçoso; mulher que não trabalha é vagabunda: linguagem e gênero na comunidade itabaianense. In: SILVA, Leilane Ramos da; FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.). **Linguagem e representação discursiva**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008, p. 155-170.
- ECKERT, Penelope. Ages as a sociolinguistic variable. In: Florian Coulmas (ed.). **The handbook of sociolinguistics**. Oxford: Blackwell, 1997, p. 151-167.
- ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. **Idade: uma variável sociolinguística complexa**. *Línguas & Letras*, v. 6, 2005, p. 105-121.
- FREITAG, Raquel Meister Ko. **Problemas teórico-metodológicos para o estudo da variação linguística nos níveis gramaticais mais altos**. *Matraga*, v. 16, p. 115-132, 2009.
- LABOV, William. **Principles of linguistic change – internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.
- NARO, Antony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. Rio de Janeiro: Contexto, 2003, p. 43-50.
- NARO, Antony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Origens do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2007.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.
- VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. Rio de Janeiro: Contexto, 2003, p. 51-58.